

PAZ - AMOR - TRABALHO

Boletim Informativo

Associação Cultural Espírita
Mudança Interior

Março 2021 | Ano 14 | Número 159

Parábolas... para refletir!

A Parábola do Bom Samaritano



Ficha Técnica

Propriedade

ACEMI- Associação Cultural
Espírita Mudança Interior
Avenida Vale do Caima, 602
R/C Ed. Habicambra
3730-202 VALE DE CAMBRA
Telefone: 256 403 021
E-mail:
mudanca.interior@gmail.com

Impressão: Lito Pinho

Coordenação: Arminda Santos

Redação e Colaboradores

aps

Antônio Soares
Arlindo Pinho
Arminda Santos
Carina Quental
Luzia Matos

Periodicidade

Mensal



Um dia, um pobre homem descia da cidade de Jerusalém para uma outra cidade, Jericó, a trinta e três quilômetros daquela capital, no vale do Rio Jordão.

A estrada era cheia de curvas. Nela havia muitos penhascos, em cujas grutas era comum se refugiarem os salteadores de estradas, que naquele tempo eram muitos e perigosos.

O pobre viajante foi assaltado pelos ladrões. Os salteadores usaram de muita maldade, pois, além de roubarem tudo o que o pobre homem trazia, ainda o espancaram com muita violência, deixando-o quase morto no caminho.

Logo depois do criminoso assalto, passou por aquele mesmo lugar um sacerdote do Templo de Salomão. Esse sacerdote vinha de Jerusalém, onde possivelmente terminara seus serviços religiosos, e se dirigia também para Jericó. Viu o pobre viajante caído na estrada, ferido, quase morto. Não se deteve, porém, para socorrê-lo. Não teve compaixão do pobre ferido, abandonado no chão da estrada. Apesar dos seus conhecimentos da Lei de Deus, era um homem de coração muito frio. Por isso, continuou a sua viagem, descendo a montanha, indiferente aos sofrimentos do infeliz...

Instantes depois, passa também pelo mesmo lugar um levita. Os levitas eram auxiliares do culto religioso do Templo. Esse levita não procedeu melhor do que o sacerdote. Também conhecia a Lei de Deus, mas, na sua alma não havia bondade e ele fez o mesmo que o padre, seu chefe. Viu o ferido e passou de largo.

Uma terceira pessoa passa pelo mesmo lugar. Era um samaritano, que igualmente vinha de Jerusalém. Viu também o infeliz ferido da estrada, mas, não procedeu como o sacerdote e o levita. O bom samaritano desceu do seu animal, aproximou-se do pobre judeu e se encheu de grande compaixão, quando o contemplou de perto, com as vestes rasgadas e sangrentas e o corpo ferido pelas pancadas que recebera.

Imediatamente, o bondoso samaritano retirou do seu saco de viagem duas pequenas vasilhas. Uma era de vinho, com ele desinfetou as feridas do pobre homem; outra, de azeite, com que lhe aliviou as dores. Atou-lhe os ferimentos e levantou o desconhecido, colocando-o no seu animal. Em seguida, conduziu-o para uma estalagem próxima e cuidou dele como carinhoso enfermeiro, durante toda a noite.

Na manhã seguinte, tendo de continuar a sua viagem, chamou o dono do pequeno hotel, entregou-lhe dois denários () e recomendou-lhe que cuidasse bem do pobre ferido:*

— Tem cuidado com o pobre homem. Se gastares alguma coisa além deste dinheiro que te deixo, eu te pagarei tudo quando voltar.

(*) O denário era uma moeda romana, em curso na Palestina no tempo de Jesus.

Jesus contou esta parábola a um doutor da lei que Lhe havia perguntado:

— Mestre, que devo fazer para possuir a Vida Eterna?

Jesus lhe respondeu que era necessário amar a Deus de todo o coração, de toda a alma, de todas as forças e de todo o entendimento; e também amar ao próximo como a si mesmo.

O doutor da lei, apesar de sua sabedoria, perguntou ao Divino Mestre quem é o próximo. Então, Jesus lhe contou a Parábola do Bom Samaritano. Terminada a história, o Senhor perguntou ao sábio judeu:

— Qual dos três (o sacerdote, o levita ou o samaritano) te parece que foi o próximo do pobre homem que caiu em poder dos ladrões?

— Foi o que usou de misericórdia para com ele — respondeu o doutor.

A Parábola do Bom Samaritano é um exemplo de como se deve praticar a caridade. Aquilo que Jesus nos ensina é o exercício da caridade imparcial, despretensiosa, incondicional, isto é, sem limitações.

Esta parábola refere-se verdadeiramente a Jesus, o viajante ferido é toda a Humanidade isenta dos seus bens espirituais saqueados pelos poderosos do mundo, o sacerdote e o levita significam os padres das religiões, por vezes, julgam-se o expoente do sistema religioso oficial, preocupam-se com os cultos das suas igrejas, pregando em abundância, no entanto, pouco exemplificando. O Samaritano, que se aproximou e cuidou das feridas com azeite e vinho é Jesus, sendo o azeite a representação da fé, o vinho o suco da vida e os dois denários dados ao hospedeiro para tratar do doente, representam a caridade e a sabedoria.

“Vai e faz o mesmo” — é a ordem eterna do Mestre. O nosso próximo é qualquer pessoa que esteja no nosso caminho; é quem necessita de auxílio; é aquele que tem fome, que tem sede, que está desamparado, que sofre na prisão ou no leito.

Então, sejamos como o Bom Samaritano! Estando sempre prontos para socorrer quem sofre, sem qualquer indagação ao necessitado. Não importa saber as origens, a religião, a raça ou as ideias que o outro professa.

Imitamos o Bom Samaritano, como Jesus pede: “Vá e faça o mesmo”, sempre, em toda parte, com quem quer que seja.

Este é o caminho da Vida Eterna!

A Parábola do Samaritano não [...] considera, portanto, a caridade apenas como uma das condições para a salvação, mas como a condição única.

Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. XV, item 3.

Carina Quental

Pesquisa realizada em:

KARDEC. Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*.

SCHUTEL. Cairbar. *Parábolas e Ensinos de Jesus* 1ª Edição - 1928



Caro leitor:

O livro dos espíritos, de Allan Kardec, é o principal livro sobre espiritismo e é leitura obrigatória para quem quiser saber mais sobre o assunto.

Na forma de perguntas e respostas, os espíritos explicaram tudo o que a humanidade estava preparada para receber e compreender.

UMBRAL NA VISÃO DO ESPIRITISMO



Arminda Santos

A existência do Umbral foi abordada pela primeira vez no livro “**Nosso Lar**” em 1944, pelo espírito André Luiz através de Chico Xavier. Podemos definir o umbral como uma zona ou região cósmica onde se encontram, por afinidade e sintonia, espíritos que estão presos aos resultados de suas próprias ações, emoções e pensamentos negativos. É onde se reúnem os desencarnados que não se conseguem libertar de emoções, como, **mágoa, culpa, ressentimento, ódio, revolta, ambição, apego, angústia, dor, luto, decepção, frustrações, etc.**

Porém, nas próprias obras de André Luiz e outras obras de espíritos conhecidos, o umbral é tido como uma zona **mental** *não necessariamente* física, onde os pensamentos dos espíritos – encarnados ou desencarnados – criam as **formas-pensamento** que nada mais são que imagens criadas pela imaginação, vibração e energia mental que alimentam estas criações mentais.

O umbral é uma dimensão vibracional densa, destinada a expurgar os fluidos densos dos espíritos desencarnados. Quando o nosso corpo morre, vamos imediatamente para lá, embora alguns espíritos que não aceitam as suas mortes, ou não têm conhecimento delas, ficam vagando pela terra, e acabam convivendo com os vivos. Por incrível que pareça nem todos chegam até o umbral, mas mais cedo ou mais tarde eles podem ser encaminhados para lá.

O umbral é classificado em três níveis:

Baixo umbral: é um lugar onde há muito sofrimento, energia densa, uma luz sombria, terra pantanosa, lama. Nele se encontra o vale dos suicidas, como também os espíritos sofredores, os presos á matéria, os que sentem ódio, entre outros. Nos abismos do umbral inferior encontra-se todo tipo de ser que possui a energia pesada, como espíritos do mal e entidades maléficas. Embora o baixo umbral possua energia densa e pesada, existem lá equipes socorristas para socorrer os espíritos arrependidos e merecedores, para serem tratados e encaminhados para o médio umbral ou para as colônias espirituais que ficam no alto umbral. Como o lugar é perigoso, por causa dos espíritos revoltados e do mal, as equipas de socorro precisam tomar cuidado para não serem atacados.

Umbral médio: já começa a ser mais parecido com aqui, cidades, mas ainda é um pouco pesado, mas bem menos.

Umbral superior: É onde se encontram as colónias espirituais. A colónia espiritual “nosso lar”, fica no alto umbral, num lugar muito bonito, com boa vibração, mas ainda assim protegido com altos muros, para se protegerem dos espíritos do mal que não gostam da assistência prestada lá aos espíritos necessitados.

É preciso deixar claro que o umbral não é uma região situada no espaço, mas sim uma zona mental, de consciência, que é criada e construída psíquica e emocionalmente pelos espíritos que nele se encontram. É um plano extremamente negativo, com variados graus de densidade, que vão do mais denso ao menos denso. Não se trata de uma área geográfica, de algo delimitado espacialmente. Trata-se, antes de tudo, de criações mentais coletivas de grande desarmonia. Porém os espíritos permanecem no Umbral apenas temporariamente.

Na conceção do inferno cristão, dogma sustentado até hoje pela igreja católica e pelas igrejas protestantes, as almas que vão para a zona infernal ficam lá para sempre, por toda a eternidade, sem possibilidade de redenção, arrependimento, etc. Para muitos, essa ideia é contrária à misericórdia divina, que sempre dá ou deveria dar novas oportunidades aos seus filhos. Por isso, na visão espírita, o umbral é uma zona de consciência onde os espíritos não estacionam para sempre, mas apenas por um determinado período. Esse tempo não é o mesmo para todos, variando de espírito para espírito de acordo com os erros que cometeu, dos vícios em que ele mergulhou, do quanto agrediu, matou, violou, ofendeu ou prejudicou de diversas formas os seus semelhantes.

Por exemplo: um espírito pode ficar um determinado tempo no umbral até se desprender da mágoa que sente de uma pessoa que a traiu em vida. Essa mágoa pode baixar a sua vibração e levá-lo a sintonizar-se com essa região cósmica de consciência, para onde vão espíritos que também sentem mágoa de seus desafetos; há muitos espíritos que vão para umbral porque não conseguem perdoar aqueles que lhes fizeram mal. Outros podem ir para o umbral pela raiva que sentem de alguém que os matou. Algumas pessoas podem ir para o umbral pelo abuso que fizeram de certas drogas.

André Luiz foi para o Umbral pelo abuso que fazia do cigarro, que foi considerado um “suicídio inconsciente” pela espiritualidade superior. Além disso, ele era um médico arrogante e muito voltado para si mesmo, o que fez com que se sintonizasse com a zona umbralina correspondente a esse tipo de vibração.

O umbral é, portanto, um local de purgação, onde são purificadas as nossas imperfeições humanas, para que o espírito que somos possa manifestar-se mais livremente e ascender aos planos superiores.

Vamos então trabalhar para melhorar as nossas vidas e evoluirmos no sentido de adquirirmos o mérito que nos permita ir para as colónias (Alto Umbral) sem precisarmos de passar pelo sofrimento do baixo umbral.

Para isso, precisamos adquirir conhecimento, auto-conhecimento e praticar o bem.

Fiquem bem. Muita paz!

O Poder da Oração

Luzia Matos

Oração é um estado de atenção interna, uma invocação, onde o espírito, encarnado ou desencarnado, se coloca de forma consciente e intencional, buscando a conexão com a espiritualidade superior, através de sua mente e seu coração, seja para louvar, pedir ou agradecer.

A oração, a prece, tem um poder que não é passível de medição, uma vez que ela é a chave que abre as portas do Infinito.

A prece pode ser feita de vários modos, articulado ou em silêncio, e em qualquer lugar, no quarto de dormir, no transporte coletivo, no trabalho, na rua, seja onde for, que o resultado será exatamente o mesmo.

No Evangelho segundo o Espiritismo diz que: ***“A forma nada vale, o pensamento é tudo. Ore, pois, cada um segundo suas convicções e da maneira que mais o toque. Um bom pensamento vale mais do que grande número de palavras com os quais nada tenha o coração”***

Cada um de nós pode orar utilizando o vocabulário do seu dia a dia, sem qualquer ritual, sem qualquer formulário, em verdadeira conversa informal com Deus, nosso Pai Celestial, ou com Jesus, o Cristo, filho de Deus, nosso Mestre, irmão, amigo e companheiro de todas as horas, o ser mais perfeito que até agora habitou o planeta Terra, Modelo e Guia da Humanidade, ou, ainda, com nosso Espírito Protetor, nosso Anjo da Guarda, que pertence a uma ordem elevada e cuja missão é a de um pai com relação aos filhos: a de guiar o seu protegido pela senda do bem, auxiliá-lo com seus conselhos, consolá-lo nas suas aflições, levantar-lhe o ânimo nas provas da vida.

O mais importante é que a prece brote da alma, da mais profunda intimidade de quem ora e com o pensamento voltado exclusivamente para o ato de orar; que não haja repetição pura e simples de oração decorada, mas, sim, e bem ao contrário, seja feita com concentração, com confiança, com sensibilidade, com amor na mente e no coração e com muita fé.

A propósito, vale a pena reproduzir a insuperável definição: ***Fé inabalável só o é a que pode encarar face a face a razão, em todas as épocas da Humanidade.***

(O Evangelho segundo o Espiritismo)

E ainda na grandiosa obra do Evangelho segundo o Espiritismo há, entre inúmeras outras, esta importantíssima informação com a seguinte orientação:

Pela prece, obtém o homem o concurso dos bons Espíritos que acorrem a sustentá-lo em suas boas resoluções e a inspirar-lhe ideias sãs. Ele adquire, desse modo, a força moral necessária a vencer as dificuldades e a volver ao caminho reto, se deste se afastou.

*Não se pode perder de vista, entretanto, que a prece, a oração, para alcançar o seu melhor resultado, deverá ser seguida de ação, de atitude, da vontade de mudar positivamente o nosso comportamento, nossa postura e compostura, do desejo sincero de proceder melhor a cada dia, mesmo que a pouco e pouco, mas de modo continuado e permanente, tornando-nos pessoas de mais fácil convivência e, sobretudo, **pessoas de Bem, voltadas para o Bem e para a sua prática**, sem hesitação, seja qual for a circunstância, seja qual for a situação.*

Ora e pede. Em seguida, preste atenção. Algo virá por alguém ou por intermédio de alguma coisa doando-te, na essência, as informações ou os avisos que solicites.

O próprio Jesus, o Mensageiro Divino por excelência, guiou nos à procura do Amor Supremo, quando nos ensinou a suplicar: “Pai Nosso, que estás no céu, santificado seja o teu nome, venha nós o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na Terra como nos Céus...” E dando ênfase ao problema da atenção, recomendou nos escolher um lugar íntimo para o serviço da prece, enquanto ele, mesmo demandava a solidão para comungar a Infinita Sabedoria.

Deus responde sempre, seja pelas vozes da estrada, pela pregação ou pelo esclarecimento da tua casa de fé, diálogo com pessoa que se te afigura providencial para a troca de confidências, nas palavras escritas, nas mensagens inarticuladas da Natureza, nas emoções que te desabrocham da alma ou nas ideias imprevistas que te fulgem no pensamento, a te convidarem o espírito para a observância do Bem Eterno.

Recordemos o Divino Mestre e estejamos convencidos de que Deus nos atende constantemente, imprescindível, entretanto, fazer silêncio no mundo de nós mesmos, esquecendo exigências e desejos, não só para ouvirmos as respostas de Deus, mas também a fim de aceitá-las, reconhecendo que as respostas do Alto são sempre em nosso favor, conquanto, às vezes, de momento, pareçam contra nós. (Emmanuel)

Diante dos obstáculos, das lutas constantes meditemos no amor infinito de Jesus, nosso guia e amigo e façamos uma prece elevando o nosso pensamento. Primeiramente agradecendo a oportunidade dos ensinamentos e suplicando proteção e luz para os momentos escuros, que surgem ao longo da estrada.

Reflete no bem, porque no curso de todas as circunstâncias da vida, a Bondade de Deus jaz oculta. Senhor, que saibamos agradecer a tua proteção e a tua bondade nas horas de alegria e de triunfo, entretanto, que nos dias de aflição e de fracasso, possamos sentir connosco a luz de tua vigilância e de tua bênção! (Emmanuel)

Boa leitura, muita saúde a todos e até a próxima!

Kardec, Allan. Evangelho Segundo o Espiritismo

Kardec, Allan. O livro dos Espíritos

Xavier, Francisco. Coragem



Arlindo Pinho

Dizer que as religiões ensinam a verdade, continua a ser a crença para muitos de nós, no entanto, ao longo da história da humanidade, está, em muitas coisas do que ensinam, comprovado o contrário, e disso temos muitos exemplos.

Sabemos que existem filosofias, umas religiosas outras não, que sim, ensinam as verdades até onde o seu conhecimento lhes permite, e até onde lhes é possível saber, a partir daí, não inventam verdades para ensinar como se fossem detentores de todo o conhecimento. Para além disso aceitam como verdade tudo o que a ciência vier a comprovar mesmo que não esteja tão de acordo com as suas explicações, pois como eles mesmo dizem: “não somos os donos da verdade”, mas os que assim agem, contam-se pelos dedos, e infelizmente para a humanidade, são os que menos adeptos têm nas suas fileiras, simplesmente porque não dizem o que as pessoas querem ouvir, nem lhes dão caminhos de facilitismo na escalada evolutiva. Simplesmente explicam como funcionam as Leis Maiores, que independentemente de as pessoas acreditarem ou não, é assim que funcionam, essa é a verdade.

Quanto às outras religiões, as mais clássicas, que aglomeram grande número de seguidores, exatamente porque lhes prometem uma salvação fácil e sem grande esforço por parte dos seus adeptos, basta-lhes apenas cumprir as suas normas, isto sim, não é uma verdade, para além daquilo que de mal têm feito ao longo dos tempos, como comprova a História, a qual relata as maiores barbaridades e os mais horrendos crimes, se não vejamos:

O que fizeram àqueles que se atreveram a contradizer o que afirmavam ser verdades, como a Terra ser redonda e não quadrada? Àqueles que disseram que a Terra girava á volta do sol e não o contrário? E mais recentemente, àquele que se atreveu a ensinar a Teoria da Evolução, que ficou conhecida como a Teoria de Darwin? Este, em um país que proclama a Liberdade, é levado a tribunal com acusação de que sua teoria destruía o espírito religioso e desrespeitava a Bíblia. Será possível a verdade destruir o espírito religioso? Que espírito é esse que se apoia na mentira? Que tipo de religião é essa que não permite que a verdade seja ensinada aos homens? E como pode desrespeitar a Bíblia se foi o próprio Cristo que nos disse que a palavra de Deus era a Verdade?

Ora, se ele estava a revelar uma verdade, só poderia ser de Deus, e as religiões apenas teriam que reconhecer perante as evidências, que estavam enganadas nesse ponto, que talvez não tivessem sabido interpretar do modo correto o que pensaram ser a verdade, ninguém os acusaria de nada.

Jamais a Bíblia poderia conter todas as verdades: a criação, as formas de vida, as Leis que regem tudo isso, são verdades, mas como explicar tudo ao pormenor desde o início dos tempos apenas em um volume? Assim, a maioria das coisas foi resumida e passada de uma forma alegórica, de maneira que o homem, com o desenvolver da inteligência, pudesse interpretar tudo isso ao longo dos tempos, descobrindo as verdades uma a uma e não apenas lendo o que estava resumido e em alegoria interpretando-o á letra como uma verdade absoluta.

A teoria da criação do mundo em seis dias, por exemplo, é uma alegoria, em que cada dia desses corresponde a uma etapa de muitos milhões de anos, a Ciência já o comprovou. Como pode nos dias de hoje haver religiões que ainda ensinam isso? Com bases em quê? Só se for o não saberem interpretar a Bíblia, mas até isso já não serve, pois, a Ciência já o explicou.

O Espiritismo, por exemplo, é uma doutrina ou filosofia que tenta ensinar a verdade, e está disposta, como algumas outras, a alterar qualquer dos ensinamentos que a Ciência venha a comprovar não estarem corretos, isto é agir de forma ética, não foi criada para enganar ninguém, talvez por isso, seja das mais atacadas e perseguidas pelas religiões maiores, exatamente como foi o Cristianismo e o próprio Cristo no seu tempo.

É que Ele, como seus seguidores, ensinavam as verdades, e isso punha em causa todas as normas religiosas criadas pelas religiões ou seu líderes, normas e leis de homens, não de Deus; verdades de acordo com seus interesses e não verdades reais. Em Roma tudo o que acontecia de errado no início do Cristianismo, era atribuído aos cristãos, os seguidores dos ensinamentos do Cristo. Eram perseguidos, injuriados e maltratados de todas as formas, apenas porque ensinavam verdades que punham em causa todos os ensinamentos interesseiros das religiões da época. Já nessa altura as religiões não queriam saber da verdade, mas sim das suas verdades, aquelas que lhes trariam algum proveito.

O que lamentamos é que, passados mais de dois mil anos, continuem a existir religiões a fazer o mesmo, como que, se o tempo tivesse parado e não tivesse havido qualquer evolução da mente humana; mas, mais grave ainda, é haver homens que seguem cegamente as suas diretrizes apesar dos muitos conhecimentos científicos e graus académicos que muitos deles possuem, não usando a inteligência mais desenvolvida que Deus lhes permite ter. Dá-nos a impressão de que querem manter-se parados no tempo, pelo menos a nível espiritual, ou simplesmente por serem preguiçosos e egoístas, não querendo sacrificar as comodidades, o conforto e os prazeres materiais e físicos imediatos, preferindo pensar que se cumprirem as normas religiosas que seguem, estarão salvos e irão para o céu após a morte física. Pura ignorância, também estes não sabem pensar.

Lamentamos que a humanidade ainda continue nesta situação e neste atraso, quem sabe, todo este sofrimento atual: as calamidades, as doenças desconhecidas da medicina (pelo menos aparentemente) e todo género de acontecimentos negativos, não seja apenas uma tentativa da Espiritualidade Superior, comandada pelo Mestre, para despertar a humanidade de toda esta letargia em que vivíamos, levando-nos a descobrir as reais verdades da vida, e com isso, a lutar para acabar com todos os interesses e formas de ilusão da negatividade para manter os homens presos a nada, apenas para que possam continuar a dominá-los, como até aqui têm feito? Pensemos nisso.

Quem foi Amélie Boudet?



António Soares

(continuação...)

A Sra. Allan Kardec (1857-1869)

Estamos em 1857, e, ao casal Rivail se depara um novo projeto. Um projeto de enorme envergadura educacional, voltado ao desenvolvimento intelecto-moral da humanidade. Ganhava vida uma ideologia de carácter filosófico, científico e ético-moral, que viria a chamar-se de Espiritismo, a doutrina dos Espíritos.

Gaby, (**nome afetuoso com que era tratada por seu marido**), não desanima diante de tão importante e responsável tarefa, e, permanece de pedra e cal ao lado do marido, tornando-se uma grande incentivadora do compromisso daquele que adotou o pseudónimo de “Allan Kardec”. É o próprio Kardec que confessa a importância de sua esposa no trabalho árduo de estruturação da filosofia espírita. Mais, esteve sempre de acordo com os pontos de vista do próprio, acompanhando-o na sua grandiosa tarefa, arranjando ainda tempo para outros afazeres, excedendo por vezes o limite de suas forças, e, sacrificando sem lamúrias os prazeres e distrações daquela época, aos quais a posição de sua família a tinham habituado.

Conhecendo sua formação académica, e seus conhecimentos em letras, tudo leva a crer que seu desempenho junto do Codificador, não se teria limitado a simples trabalho de secretaria,

pois além de esposa e dona de casa, a Sra. Allan Kardec teria ajudado na compilação de material, transcrições, decisões administrativas e económicas. Até as próprias conversas entre o casal seriam de tal ordem interessantes e produtivas, que das mesmas nasceram ideias, projetos, temas para livros e artigos, que Kardec executava no seu laboratório doutrinário, **“A Revista Espírita”**.

Segundo Gabriel Delanne, o lançamento do “Livro dos Espíritos”, “Revista Espírita” e outras obras, deram-se em boa parte, devido ao grande entusiasmo, incentivo e perseverança da Sra. Allan Kardec. Naquela altura o movimento espírita estava em pleno crescimento, e, para um melhor conhecimento e divulgação do espiritismo, tornava-se necessário que o Codificador acompanhasse de perto a formação de novos grupos de estudo, de novas sociedades, de novas instituições espíritas por toda a França. Mas, para que isso se tornasse realidade, era necessário que o mestre se ausentasse temporariamente de todo o seu trabalho doutrinário e diretivo sediado em Paris. Com o apoio de todos os que o rodeavam e principalmente o de sua amada, no ano de 1860 deu início a uma série de viagens por território Francês, estendendo-o mais tarde a outros países tais como Bélgica e Suíça. Ficaram na história como as **“Viagens Espíritas”**, que se prolongaram até ao ano de 1867, destacando-se entre estas, a viagem de 1862, que deu origem a um livro de grande importância histórica para todos os espíritas, pois nele são descritas relevantes orientações e até advertências sobre o movimento daquela época. Nessas viagens, sua esposa o acompanhava sempre que suas forças o permitiam, sendo todas as despesas por conta do próprio casal.

Sendo Allan Kardec, alvo de ódio, injúrias, calúnia, da inveja e até do ciúme, sofria constantes ataques e traições, mas, em todos os momentos mais difíceis encontrou na sua querida Gaby, o afeto, o amparo e o consolo que o enchiam de energias para continuar sua grandiosa obra. Com tanto trabalho pela frente, com tanta correspondência não só de França, mas também de vários países, se não fosse a ajuda preciosa de sua esposa, Kardec com certeza não teria tido o tempo necessário para se dedicar à obra da codificação, da revista espírita, e, ao mesmo tempo presidir à Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

No dia 31 de Março de 1869, contando 65 anos de idade, Allan Kardec desencarna repentinamente. Foi uma partida inesperada, e, ao mesmo tempo uma perda irreparável para o mundo espiritista. A Sra. Allan Kardec, que partilhara com admirável resignação as desilusões e infortúnios de seu amado esposo, agora, nos seus 74 anos de idade, ante a partida do fiel companheiro para o mundo espiritual, portou-se como verdadeira espírita cheia de fé e de aceitação.

O sepultamento dos despojos do mestre, teve lugar no cemitério de Montmartre, a 2 de Abril de 1869. Enorme multidão acompanhou as exéquias fúnebres e foram vários os oradores que discursaram, companheiros e seguidores dedicados a Kardec. Depois de todos os discursos, teve por último a palavra o Sr. E. Muller que iniciou assim:

“Falo em nome de sua viúva, da qual lhe foi companheira fiel e ditosa durante trinta e sete anos de felicidade sem nuvens nem desgostos, daquela que lhe compartilhou as crenças e os trabalhos, as vicissitudes e as alegrias, e que se orgulhava da pureza dos costumes, da honestidade absoluta e do desinteresse sublime do esposo; hoje, sozinha, é ela quem nos dá a todos o exemplo de coragem, de tolerância, do perdão das injúrias e do dever escrupulosamente cumprido”.

Continua...